

24-10-2023

## Quem produz a comida que vai para o prato do brasileiro?

**Benjamim Pereira Vilela**

[Professor Instituto Federal de Goiás - Doutorando UFJatá - Grupo de Estudos e Pesquisas "Espaço, Sujeito e Existência"]

Cresci na zona rural da cidade de Palmeiras de Goiás. Meu Pai era um camponês que produzia milho, mandioca, arroz, amendoim e criava uma pequena quantidade de gado. Próximo à propriedade onde vivíamos no início dos anos de 1980, já havia algumas propriedades grandes ligadas ao agronegócio. Sempre desconfiei que milho e a soja produzidos naquelas propriedades era acessível à maioria da população. Os mais velhos do lugar falavam que a produção iria para o Armazém na cidade e depois para o Porto de Santos. No meio acadêmico do segmento crítico, sobretudo nos trabalhos de campo que investigam as questões agrárias, sempre confrontam-se o discurso que é repetido por diversos políticos e lideranças de empresários rurais de que o agronegócio alimenta o Brasil. O fato é que a produção desse segmento é, na sua maioria, destinada à exportação. Isso confirma a tese de que o grande proprietário rural e o chamado agronegócio não sejam responsáveis pelos alimentos que vão para as mesas do povo brasileiro. Em meados de 2012 o extinto Ministério do Desenvolvimento Agrário afirmou, em publicação no seu site, que 70% dos alimentos consumidos pelo povo brasileiro vinha da reforma agrária. Essa narrativa também era coadunada com a de pesquisadores do campo de conhecimento de estudos agrários. Porém, diversos autores, sobretudo do campo das estatísticas, economia e agronomia contestaram essas informações. Em 2014 o estatístico Rodolfo Hoffmann da Esalq-USP publicou um artigo na revista "Segurança alimentar e nutricional" de Campinas- SP, em que contestava essa afirmativa. Pesquisadores da Embrapa também foram duros, enfatizando que seria impossível a agricultura familiar ou camponesa dar conta de produzir comida suficiente para suprir as necessidades brasileiras. Faço aqui um contraponto a esse debate, ao trazer alguns elementos para a reflexão. Em especial quando analisamos a lei agrária 8269/1993, que tipifica a pequena propriedade rural, imóveis entre 1 e 4 módulos fiscais. O problema é que o módulo fiscal é variável, levando em consideração características como a cultura predominante nos municípios, a renda obtida, a distância dos grandes centros. ....

Isso quer dizer que em alguns municípios o módulo fiscal equivale a 5 hectares enquanto em outros equivale a 100 hectares. Desta forma, a análise baseada nesses princípios fica fragilizada. Fato que motivou pesquisadores, em especial da geografia, a fazer uma análise com base no tamanho da área ocupada. O pesquisador Marco Antônio Mitidiero e outros apontam para uma análise baseada na área. Esse caminho metodológico foi adotado para não se perder o norte das análises, visto que a grande maioria das Secretarias Estaduais e também da imprensa levam em conta apenas o valor da produção. Com efeito, a pesquisa aponta que estabelecimentos entre 0 e 200 hectares são considerados pequenos; os que estão na faixa de 200 a 1000 médios; e acima de 1000 hectares grandes. ....

Também denomina aquelas áreas de 0 a 10 hectares como quase pequenos. Essa abordagem consegue abarcar uma enormidade de grupos que não estão dentro da Lei da Agricultura Familiar, como também da Lei Agrária, perfazendo desde o campesinato tradicional ao capitalista tecnificado. Deve-se lembrar que o campo brasileiro não é homogêneo, visto que comporta diversas tipificações sociais: caipira; sertanejo; vazanteiro; assentados da reforma agrária; famílias remanescentes de quilombos; ribeirinhos; pantaneiros; faxinalenses; comunidades de fundo de pasto; camponês pobre e rico; agricultores familiares dentre outros. Dessa heterogeneidade existente no campo brasileiro, boa parte encontra-se na categorização de área, pensada por Mitidiero. Fato que corrobora o pensamento de diversos autores. Ou seja, essa classificação abarca um significativo grupo, que segundo o autor produz o alimento consumido pela população brasileira. O que contradiz o discurso midiático de que o agro(agronegócio) alimenta o Brasil. E confirma a minha percepção de quando era criança e via meu pai na labuta plantando milho, feijão, amendoim, maracujá, arroz, mandioca etc.

.....

A pergunta inicial deste texto talvez não tenha sido e nem seja respondida, mas dá uma pista... a agricultura camponesa produz boa parte do que comemos. As grandes lavouras baseadas nos latifúndios produzem *commodities* destinadas à exportação.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, a perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.